

MEMÓRIA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURA IMATERIAL

Valdir Jose Morigi

*UFRGS- Dr. Em Sociologia pela USP – Prof. PPGCOM -
33165432 - Valdir.morigi@ufrgs.br*

Carla Pires Vieira da Rocha

*UFRGS- Mestranda do PPGCOM –
33165432 - carlapvrocha@yahoo.com.br*

Simone Semensatto

*UFRGS- Mestranda do PPGCOM –
33165432 - ssemensatto@yahoo.com.br*

RESUMO:

Reflete sobre memória social e sua articulação com as representações sociais e o papel desta como mediadora na construção dos sentidos das manifestações da cultura imaterial. Toma como exemplo o estudo das festas comunitárias, uma prática cultural realizada no município de Estrela/RS, para demonstrar como são produzidos, transmitidos e usados os saberes da tradição e da cultura local, envolvendo diferentes agentes sociais e a rede de sociabilidade responsável pela construção da trama de informações e da partilha das significações que transitam no espaço dos festejos. Nesse processo, as representações sociais exercem a mediação produzida no compartilhamento dos sentidos, como matéria-prima constitutiva da cultura imaterial e da intangibilidade da memória social.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Representações Sociais 2. Cultura Imaterial 3. Memória Social

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, algumas questões permeiam os debates sobre a cultura imaterial e a memória social. As múltiplas formas de produção e circulação das manifestações culturais - religiosidade, artes, narrativas, discursos, literatura - assumiram novos significados e contornos através das interfaces entre a indústria cultural e a tradição das culturas locais. Nesse sentido, cabe se atualizar algumas questões: Qual o significado da memória das tradições culturais regionais e locais, representadas pela cultura imaterial? Qual o significado de redescobrir o passado ou reencontrar o passado no presente?

A transmissão da tradição, ancorada nas lembranças e aprendizados passados que se alojam na memória individual e coletiva, através da experiência socialmente compartilhada, ressalta a importância da festa enquanto prática para a continuidade da cultura local. A transmissão da tradição, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana.

As festas das comunidades rurais do município de Estrela/RS, enquanto práticas culturais que comunicam saberes e aprendizados coletivos, são tomadas como exemplo para se compreender como parte da tradição da cultura local depende da transmissão dos valores do grupo e das trocas de saberes entre os protagonistas dos festejos. Nesse processo, as representações sociais exercem a mediação simbólica produzida no compartilhamento dos sentidos, como matéria-prima constitutiva da cultura imaterial e da intangibilidade da memória social.

2 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ARTICULAÇÃO, MEDIAÇÃO E CULTURA IMATERIAL

A memória pode ser compreendida de diversas perspectivas científicas. No campo da Sociologia e da Psicologia Social, a memória pode ser concebida pelo seu caráter sócio-cultural, perspectiva adotada neste estudo. Nesse contexto, a recordação e a memorização são tidas como processos construídos culturalmente que fazem parte da dinâmica da vida social.

Conforme Braga (2000), a memória humana é concebida como um processo elaborado no movimento coletivo que emerge nas inter-ações, e é constituído na cultura. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas), quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), podem servir de suporte para a construção da memória. Assim, ela pode ancorar-se em diversos suportes: no texto, na comunicação oral, nos sons, na imagem, etc. (GONDAR, 2005).

Segundo Pollak (1992), a memória social é um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes. Ela transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Nessa ótica, são três os elementos que servem de apoio à memória: os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares. E são estes os elementos responsáveis pelo estabelecimento dos laços afetivos entre as pessoas. De acordo com o autor, a memória é seletiva, visto que, nem todos os fatos ficam registrados e os indivíduos só têm recordações dos momentos a que dão importância e que, por alguma razão, ficaram marcados subjetivamente. Além do mais, parte das lembranças pode ser herdada dos acontecimentos relacionados aos seus antepassados.

Conforme Braga (2000), a recordação é afetada por transformações inconscientes, em função de interesses e sentimentos, individuais ou coletivos; todavia, "[...] esse movimento só é possível se as pessoas fizeram ou ainda fazem parte de um mesmo grupo social." (2000, p.51). Nessa perspectiva, a memória coletiva só se efetiva na medida em que os sentimentos, pensamentos e ações de cada indivíduo são expressos nos meios e circunstâncias sociais, onde este possui vínculo, convivência e conhecimento.

Para Halbwachs (1990), a memória individual não está inteiramente fechada. Ela é limitada no tempo e no espaço. A memória coletiva também sofre os mesmos limites. Os acontecimentos históricos são auxiliares na nossa memória; não desempenham outro papel, senão as divisões do tempo assinaladas em relógio ou determinadas pelo calendário.

Um indivíduo para lembrar seu passado tem que se remeter às lembranças dos outros. São pontos de referência que estão fixados pela sociedade. Portanto, a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, já que a memória é sempre dependente das interações e dos grupos sociais. A memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo que surge da interação e das experiências entre os membros da comunidade. Nessa medida, ela é importante para manter a integridade e a sobrevivência do grupo no tempo. Quem faz o tempo da memória coletiva é o grupo. Para Halbwachs (1990), a construção de laços sociais permanentes, mantidos com relativa firmeza entre os indivíduos, está diretamente ligada à coesão garantida pelos quadros sociais da memória. Tais quadros são entendidos como um sistema de valores que unifica determinados grupos: familiares, religiosos, de classe, etc.

A memória é uma construção social, produzida pelos homens a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. Ela sofre transformações à medida que o tempo passa, a história dos indivíduos toma um novo rumo. Assim, pode-se dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída.

A representação se origina em um sujeito (individual ou coletivo) imerso em condições específicas de seu espaço e tempo, e refere-se a um objeto. (JODELET, 2002). A autora propõe três fatores a serem levados em conta para a produção de representações: a cultura, a comunicação e a inserção nos níveis sócio-econômico, institucional, educacional e ideológico. Segundo Jodelet (2002, p. 22), as representações sociais atuam como “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” Ou seja, seguem as necessidades, os interesses e os desejos do grupo. As produções simbólicas cotidianas expressam e articulam diferentes formas de saberes, os quais ajudam na construção das identidades, das práticas culturais e das tradições, que por sua vez conformam modos de vida.

Na concepção de Moscovici (2003, p.37), a nossa mente não está isenta dos condicionamentos sociais impostos por suas representações. A linguagem e a cultura estruturam e organizam os nossos pensamentos, uma vez que:

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação da memória coletiva e uma reprodução na linguagem que,

invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

Sendo assim, a força de uma representação não se deve a sua origem social, e sim a sua possibilidade de ser compartilhada por todos e fortalecida pela tradição. No mesmo sentido, “Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele.” A ancoragem e a objetivação são duas formas de lidar com a memória. A primeira é responsável pelo movimento da memória: “[...] está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com o tipo e os rotula com um nome.” A segunda é direcionada “[...] para fora (os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.” (MOSCOVICI, 2003, p.63-78)

Jovchelovitch (2000), demonstrando como as representações sociais se constituem em formas de mediação simbólica radicadas na esfera pública, afirma: “O espaço potencial, o espaço dos símbolos, tanto liga como separa o sujeito do objeto-mundo. Daí que é da essência do espaço potencial, reconhecer uma realidade compartilhada – a realidade do Outro.” (p.178). Portanto, é espaço de mediação “[...] entre sujeito social e alteridade, na luta para dar sentido e entender o mundo, que os trabalhos das representações sociais se encontram.”(p.178) As representações sociais nascem e circulam em espaços de “realidade intersubjetiva.” Conforme Moscovici (2003, p. 99), “[...] as representações substituem o fluxo de informações que chegam até nós do mundo externo: as representações são elos mediadores entre a causa real (estímulo) e o efeito concreto(resposta). Então, os elos são mediadores ou causas aleatórias.”

Na teoria de Lefebvre (1983), é, através das representações sociais, que se manifestam as relações simbólicas, os formatos sociais, as hierarquias, as posições sociais, e é fortalecido o sentimento de identidade de grupo. As representações circulam em torno das instituições, dos símbolos e dos arquétipos, intervindo na vivência e na prática, formando parte destas, mas sem dominá-las.

Entretanto, ainda conforme Lefebvre (1983), não se pode confundir a lembrança com a representação, e a sua distinção reside na própria vivência: "Enquanto há presença, o passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante do presente, o qual não significa uma presença, mas uma ausência na presença. Enquanto é representado, o passado se fixa e morre tanto na história como na memória subjetiva." O autor prossegue seu argumento observando que é freqüente que o presente ('o atual') seja representado através do passado, por uma lembrança: "Quando o passado, ainda vivo morre na representação, esta substitui a lembrança." (p. 63, tradução livre dos). Na sua visão, isso significa que a representação se

situa entre o vivido e o concebido, atuando como mediadora, em nível individual, da consciência subjetiva.

Esta semelhança pode ser vista no pensar e no agir, no senso comum de determinado grupo ou sociedade. De acordo com Arruda (2002), a teoria da representação social não separa o sujeito do seu contexto e nem da subjetividade da construção do seu saber.

Para Gondar (2005, p. 24) “[...] as representações são apenas uma parte: aquela que se cristalizou e se legitimou em uma coletividade.” A autora complementa, a memória como um processo, “[...] é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também em uma esfera irrepresentável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras.” A memória não pode ser reduzida à representação. “Podemos articular o afeto e a representação na produção da memória como partes integrantes de um mesmo processo.”(p.25). Nessa perspectiva, uma representação social “[...] é algo mais que uma idéia genérica e instituída que se impõe a nós: todas as representações são inventadas e somos nós que as inventamos, valendo-nos de uma novidade que nos afeta e de nossa aposta em caminhos possíveis.” A autora conclui que, “Essa invenção se propaga, se repete e transforma-se em hábito. É a partir desses hábitos, os homens se tornam semelhantes [...]”. (GONDAR, 2005, p.25).

Grande parte dos saberes da cultura popular são transmitidos através da oralidade, uma vez que não há registros escritos dos mesmos. Esses processos ocorrem de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, de geração a geração. Nessa forma de comunicação, a memória social exerce um papel fundamental, pois a preservação e a continuidade das tradições dos grupos dependem das lembranças dos seus membros. A transmissão dos valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico.

Para pensarmos o papel da memória social na construção dos sentidos na cultura imaterial devemos considerar que: "Memória exige uma reflexão sobre processos sociais envolvidos, anunciados ou experimentados na manifestação, persistência e transformações da prática social e dos conteúdos culturais expressos por segmentos sociais numa conjuntura." (MORAES, 2000, p.99). No mesmo sentido, como observa Jean Davallon, não basta lembrar um acontecimento ou um saber para que essa memória social mobilizada: "Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social." (2007, p.25).

Investigar a articulação entre memória e representações sociais é útil para a compreensão da construção dos sentidos das manifestações da cultura imaterial. O enfoque nas festas comunitárias no interior de Estrela/RS, nos permite compreender tal articulação e mediação.

Nesse sentido, as festas comunitárias, ao reestabelecerem o vínculo afetivo dos participantes com a comunidade e o seu passado, a partir de uma vivência em comum em torno da cultura imaterial, viabiliza a construção da memória social.

3 FESTAS COMUNITÁRIAS, TRANSMISSÃO DE SABERES, TRADIÇÃO E MANIFESTAÇÕES DA CULTURA IMATERIAL

As festas comunitárias, caracterizam-se como práticas culturais pelas quais são produzidos, transmitidos e usados os saberes da tradição e da cultura local. Nesse contexto, a manutenção da memória social está associada à cultura imaterial. Da mesma forma, as práticas que permeiam os festejos envolvem a construção de representações sociais; evidencia-se um processo de internalização de papéis pelos seus protagonistas que os situa tanto nos lugares que ocupam no cotidiano, como no espaço das festas, interferindo nos processos de suas construções identitárias e nas suas noções de pertencimento.

Na dinâmica dos festejos, a tradição cultural possui centralidade; ela é exaltada desde a concepção do evento e se perpetua na naturalização das práticas culturais, na reprodução das diferenças de comportamento, nas formas de conceber o mundo, nas relações de poder entre os gêneros feminino e masculino e seus espaços, manifestando-se ainda nas crenças, no modo de vida, na memória coletiva e na história social do grupo. Considerando que as tradições podem ser reinventadas e redefinidas com o tempo, cabe observar que "[...] tradição não é apenas o que ainda resta, é, sim, uma dinâmica histórica que busca encontrar espaços, visibilidade e importância, em razão das condições e ritmos sociais das contradições que a própria modernidade, por ser dinâmica, versátil e cambiante, produz." (TEDESCO; ROSSETO, 2007, p. 15).

A memória emerge nos grupos e em seus rituais. As festas, portanto, são momentos em que, junto à afirmação de tradições, o passado cotidiano busca manter e atualizar as significações, por meio da construção de memórias comuns, individuais, coletivas, históricas. Conforme Moraes (2000, p.95), "As memórias coexistem de fato em nossa cultura [...] justapondo, integrando ou lutando, numa 'rede de mosaico' conceitual, aspectos de distintas e contraditórias expressões, na prática e nas representações dos indivíduos e grupos."

Na transmissão da tradição, de geração a geração, a construção que o presente faz do passado passa a ser importante, na medida em que "A memória, considerada como sentido plural, é a expressão de um sentimento, e modo de compreender e se relacionar no mundo." (MORAES, 2000, p.95). Fragmentos de memória surgem do ato de narrar e, em suas representações, os colaboradores reconstróem a memória dos tempos pregressos, confrontando o passado no presente. Daí sua denominação de história do tempo presente.

A questão da transmissão da cultura diz respeito à sobrevivência do convívio social. Da mesma forma, o indivíduo tomar parte nos processos culturais significa a possibilidade de tomar parte na sociedade de seu tempo. Uma cultura é tão mais rica quanto mais saberes comuns permita integrar e, para isso, faz-se necessário o reconhecimento das mais diferentes formas e expressões culturais. Dentre as inúmeras definições de cultura, podemos retomar aquela pioneira de Tylor, em seu sentido antropológico: "[...] o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade." (TYLOR apud LARAIA, 1986, p.25). Cabe ainda ressaltar que, a designação cultura imaterial, embora suponha uma contraposição à cultura material, é um artifício que nos utilizamos a fim de melhor compreendermos a sua articulação com a imaterialidade da memória social.

Ao retomarmos nossa reflexão a partir das festas comunitárias, podemos explorar a dimensão cultural das práticas ali desenvolvidas, evidenciando uma das questões importantes para pensar nossa época que é a relação entre culturas locais e o impacto produzido pelo progresso técnico urbano. Esse enfoque faz-se necessário para compreendermos, sobretudo, os processos de afirmação de identidades e de construção de memórias ligados à cultura imaterial, sob a perspectiva das transformações que viemos vivenciando em nível global e que se repercutem nas mais distintas esferas.

As celebrações comunitárias são os festejos realizados em comemoração aos santos padroeiros das comunidades locais, clubes de mães, grupos de jovens e ligas de corais. A preocupação dos seus protagonistas está fundada na continuidade dessa tradição, justificável pela evasão dos filhos dos colonos para as cidades da região em busca de trabalho nas fábricas de calçados e em outras indústrias. Esse é um dos processos resultantes da mecanização na agricultura. A pequena produção familiar não consegue mais absorver a mão de obra e manter os filhos para a labuta na lavoura, determinando um deslocamento destes para os centros urbanos.

Diante desse quadro, passam a vigorar os valores impostos pelo modelo da sociedade de consumo. Tais valores envolvem mudanças de comportamento e de relacionamento. Nessa medida, as festas, enquanto espaços de sociabilidade, ancorada nas relações familiares, afetivas, de compadrio e de vizinhança, de solidariedade, caracterizadas pelo reconhecimento interpessoal e auto-reconhecimento, cedem lugar à sociabilidade individualizada, relações frias, efêmeras e estranhadas da contemporaneidade. O pensamento de Bauman (2007) pode ser evocado, quando explora os novos vínculos sociais em nossa sociedade "líquido-moderna". A metáfora da liquidez é utilizada pelo autor para explorar todas as dimensões da experiência, onde vigora a dinâmica do consumo. Nessa ótica, a "vida líquida" é caracterizada, entre outros aspectos, pelas "ligações frouxas e compromissos revogáveis." (2007, p.15-16)

Ao retomarmos o enfoque na cultura local, as formas de entretenimento urbanas se impõem como símbolos dessas mudanças nas formas de sociabilidade, consistindo naquilo que é considerado “moderno” e “desenvolvido”, em contraposição aos valores e padrões da cultura regional tidos como “tradicional” e “conservador”. Nesse contexto, os padrões e valores da cultura urbana tornam-se mais atrativos aos olhos das gerações mais novas: a dinâmica da sociedade de consumo trata a cultura, as suas expressões e as manifestações regionais e locais como se fossem objetos e coisas descartáveis. Dessa forma, os eventos e os acontecimentos culturais configuram-se como entretenimentos regidos pela lógica e pelas vicissitudes do mercado. Essa dinâmica inclui uma intensificada mediatização da cultura, onde o efêmero e a saturação de informações determinam um movimento que se vai distanciando da memória em direção ao esquecimento.

É importante salientar a importância das lembranças para o processo de identidade individual e social. O sentido da identidade consiste nos arranjos e rearranjos constantes dos vestígios, dos fragmentos de acontecimentos passados. A memória é, por natureza, fragmentada. A recriação de um mundo anterior é importante para o fortalecimento das relações sociais, para a constituição de um nós, de um sentimento de pertencimento comum, onde o passado deveria ser visto como algo acabado, porém como um tempo possível de ser ressignificado, a partir do presente em direção ao futuro. Como ressalta Silverstone (2005, p.234): “[...] a memória é o que temos no âmbito privado e no público, para nos fixar no espaço e especialmente no tempo.”

As lembranças de pessoas – vizinhos, pais, avós – estão na base dos festejos. Esses rememorações em torno das comunidades locais nos remetem primeiramente à noção de memória individual: “[...] é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é onde ele foi socializado.” (VON SIMSON, 2001, p.63).

Na visão de Ribeiro: “[...] a memória da festa é um dado essencial na fixação de conhecimentos que ali são aprendidos, experimentados e fruídos. É o que, de certo modo, assegura a sua repetição; é lembrada na memória e antecipada na imaginação.” (2002, p. 41). As festas fazem parte da história cultural da humanidade. Embora suas dimensões mudem com o decorrer dos anos, a sua força persiste no sentido da manutenção dos laços identitários entre os sujeitos participantes e as suas comunidades de origem.

Reconstruindo um passado remoto, são atribuídas a historicidade e a ancestralidade. Como observam Tedesco e Rosseto (2007, p. 22): “As festas precisam ser simbolizadas e, portanto, significadas por tradições e traduções constantes em equilíbrio com o passado e simbologia da ancestralidade étnica.” Nesse sentido, a festa possui símbolos de comunicação, de expressão, de experiências humanas, de culturas, que necessitam ser preservados e reconstituídos, pois

as representações são elos mediadores da memória cultural da comunidade, estabelecida pelas distintas formas de contar o passado: histórias de vida, de grupos, de comunidades, etc.

As representações sociais atuam como formas de mediação simbólica radicada na esfera pública, onde as produções simbólicas cotidianas expressam e articulam diferentes formas de saberes. Estes ajudam na construção das identidades, das práticas culturais e das tradições, conformando os diferentes modos de vida. Portanto, enquanto espaços de realidade intersubjetiva, podemos considerar esses festejos comunitários como espaços de celebração da memória que auxiliam na formação de uma identidade individual e de um sentido coletivo de pertencimento. A partir disso, podemos pensar na intangibilidade da memória social e na sua articulação com a construção dos sentidos e com a cultura imaterial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória coletiva é um elemento importante para manter a integridade e a sobrevivência do grupo no tempo. Assim, ela pode ser caracterizada por um intenso componente afetivo que surge das interações e do compartilhamento de experiências entre os membros da comunidade. As festas, enquanto espaços sociais, ampliam os laços de sociabilidade e proporcionam a troca dos saberes, valorizando as práticas da cultura local.

A memória desempenha um papel fundamental na construção da história das comunidades, visto que ela está atrelada aos modos de vida que atuam como guias, fornecendo modelos para o comportamento das gerações com o passar dos anos. Pensar a memória como uma reconstrução do passado, com base em quadros sociais bem definidos e delimitados, conforme Halbwachs, leva-nos a afirmar que ela é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-a como um foco de resistência no seio das relações de poder e servindo para a manutenção dos valores de um grupo social.

A memória dos sujeitos das festas é permeada por tensões advindas das articulações entre os afetos e as representações, expressos através da comunicação dos saberes instituídos e compartilhados (como forma de cultivar as raízes culturais da tradição). Entretanto, não podemos esquecer a dimensão irrepresentável das memórias que atravessam o espaço das festas através dos gestos singulares, da sensibilidade, das práticas de si, das invenções e criações singulares que também integram e constroem a subjetividade dos sujeitos dos festejos. Essa dimensão pode se tornar o refúgio dos elementos “residuais” das trocas afetivas, com o potencial de transformar e inovar as maneiras de viver e estar no mundo, criando novos formatos de vida social.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Ângela. Representações das Mulheres no Imaginário Brasileiro: da colonização ao surgimento da nação. **Caderno CRH**, Salvador, jan./jun., 33, 49-73, 2000.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A Construção Social da Memória**: uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí: Unijuí, 2000.
- BAUMAN, Zygmund. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, Pierre. NUNES, José Horta. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.23-32.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.
- JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribucion a la teoria de las representaciones. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- MORAES, Nilson Alves de. **Memória e Mundialização**: Algumas considerações. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes. MORAES, Nilson Ales de (orgs.). **Memória, Identidade e Representação**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- POLLAK, Michael. (1992). Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 5 (10), 200-212.
- RIBEIRO, C.M. P. J. **Festa & Identidade**: como se faz a Festa da Uva. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 41.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- TEDESCO, João Carlos; ROSSETO, Valter. **Festas e saberes**: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 9-134.
- VON SINSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Educação não-formal**: cenários da criação. Campinas: UNICAMP, 2001.